

A TRADUÇÃO DA *DIFFÉRENCE*: DUPLA TRADUÇÃO E *DOUBLE BIND*¹

Paulo OTTONI²

- RESUMO: Na dimensão desconstrutivista proposta por Jacques Derrida a tradução é encarada como um acontecimento da linguagem. Discuto as implicações entre desconstrução e tradução para mostrar como o papel do tradutor de deflagrar a língua está latente nesse acontecimento. O tradutor passa a ser um sujeito que intervém de maneira efetiva na transformação e produção de significados, por meio de uma espécie de implante, de contaminação entre as línguas envolvidas na tradução. Analiso introduções, prefácios, posfácios e notas dos tradutores, revisores e editores dos livros e textos editados em português de Derrida, com o objetivo de examinar como as várias traduções do neografismo *différance* comporta toda a problemática da dimensão desconstrutivista promovida pelo *double bind*: a necessidade e impossibilidade da tradução. Essa dimensão permite a disseminação de várias alternativas de tradução, gerando o que considero efeitos de tradução da *différance* no “jogo da desconstrução” e revelando, de modo específico, uma espécie de dupla tradução. Essa disseminação é um acontecimento magistral que encena, ao mesmo tempo, o próprio jogo da *différance*, (con)fundindo desconstrução e tradução, e o *double bind*: traduzindo e não traduzindo *différance*.
- PALAVRAS-CHAVE: Tradução; desconstrução; dupla tradução; *différance*; *double bind*.

1 Numa primeira versão, este texto foi apresentado como comunicação com o título: *O tradutor de Jacques Derrida: double bind e dupla tradução*, no V Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada realizado na Universidade Federal no Rio Grande do Sul - Porto Alegre, no dia 3 de setembro de 1998.

2 Departamento de Linguística Aplicada - Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp - 13083-970 - Campinas - SP. ottonix@obelix.unicamp.br

Mais “velha” que o próprio ser, uma tal diferença [*différance*] não tem nenhum nome na nossa língua. Mas “sabemos já” que, se ele é inominável, não é por provisão, porque a nossa língua não encontrou ainda ou não recebeu este *nome*, ou porque seria necessário procurá-lo numa outra língua, fora do sistema finito da nossa. É porque não há *nome* para isso, nem mesmo o de essência ou de ser, nem mesmo o de “diferença” [*différance*], que não é um nome, que não é uma unidade nominal pura e se desloca sem cessar numa cadeia de substituições diferantes [*différentes*].

(Jacques Derrida, *La différance*)

Na dimensão desconstrutivista proposta por Jacques Derrida a tradução é encarada como um acontecimento da linguagem. Analisarei as implicações entre desconstrução e tradução por meio da tradução da *différance*, procurando mostrar como o papel do tradutor de deflagrar a língua está latente nesse acontecimento, estabelecendo, desse modo, um lugar privilegiado para se refletir sobre a linguagem e a reciprocidade entre as línguas envolvidas na tradução. O conceito de língua e as suas fronteiras são questionadas nessa dimensão possibilitando discutir a distinção entre língua materna e língua estrangeira. O tradutor passa então a ser um sujeito que participa de maneira efetiva na transformação e produção de significados, por meio de uma espécie de implante, de enxerto, de contaminação entre as línguas envolvidas na tradução e que são expressas pelos tradutores promovendo uma espécie de dupla tradução. Desse modo, língua materna e língua estrangeira como complementares, e não antagônicas, revelam o *double bind* pela dupla tradução.

Derrida (1996) faz o seguinte comentário sobre o *double bind*: “Por definição um *double bind* não se assume, só podemos sofrê-lo na paixão; por outro lado, um *double bind* não se analisa integralmente ... Mas se um *double bind* não se assume, há várias maneiras de suportá-lo” (p.51-2). E num outro momento, comenta que devemos encarar o *double bind* como algo que deve ser suportado; é um desejo de se apropriar do original quando traduzimos, contra o qual nada se pode fazer, sem o qual não haveria tradução (cf. Derrida 1985, p.228-9).

Com o objetivo de refletir como o tradutor desse neografismo – *différance* – é afetado pelo *double bind*, analisarei introduções, prefácios, posfácios e notas dos tradutores, revisores e editores dos textos e de

livros editados de Derrida em português (europeu e brasileiro).³ A tradução da *différance*, como pretendo examinar, comporta, então, toda a problemática da dimensão desconstrutivista promovida pelo *double bind*: a necessidade e impossibilidade da tradução.

Derrida (1996) estabelece a ligação do *double bind* com a *différance*, uma das “figuras ditas do indecível”, ao afirmar que:

Este *double bind* esta dupla imposição inalisável da análise está presente no caso de todas figuras ditas do indecível que são impostas sob os nomes de *pharmakon*, de suplemento, de hímen, de **différance**, e de um grande número de outros que trazem em si predicados contraditórios entre si. (p.44, destaque meu)

No posfácio da sua tradução do *De um tom apocalíptico adoptado há pouco em Filosofia* (1997), ao comentar que a relação do tom apocalíptico em filosofia para Derrida é “mais que um tema, uma tarefa”, Leone, ao fazer referência à importância do *double bind* na tradução, afirma:

Nessa passagem do livro há o suficiente para obtêrmos a justa medida da imbricação de apocalipse e linguagem, do **double bind infinito da tradução, com um instante de graça incerto, a absolvição do tradutor**, esse dom que liberta a tradução do texto que é traduzido, que é traduzido e que não o é ... Em resumo: o *double bind* da tradução é inevitável mas não é destrutivo; o que o tom apocalíptico cria entre as línguas é uma tensão que remete para algo que lhe é exterior. (p.91 e 93, destaque meu)

Pretendo mostrar as ligações entre a *différance* e o *double bind*, analisando a “polêmica” em torno da tradução de *différance* para o português que revela as várias maneiras dos tradutores sofrerem e suportarem o *double bind*. Este envolvimento pode ser verificado de modo peculiar por meio das explicações e justificativas das traduções desse neografismo, uma vez que, considerando a sua etimologia, podemos, junto com Derrida, afirmar que *différance* “não tem nenhum nome” no francês, “não pertence” a uma língua determinada.

No *Glossário de Derrida* (cf. Santiago, 1976) no verbete *différance* vemos:

3 As obras e seus respectivos tradutores e tradutoras, e os dados bibliográficos, estão, em ordem cronológica, descritos no final deste trabalho.

Neografismo produzido a partir da introdução da letra *a* na escrita da palavra *différance*. A *différance* não é “nem um conceito, nem uma palavra”, funciona como “foco de cruzamento histórico e sistemático” reunindo em *feixe* diferentes linhas de significado ou de forças, podendo sempre aliciar outras, constituindo uma rede cuja tessitura será impossível interromper ou nela traçar uma margem ... Esta “discreta intervenção gráfica” (*a* em lugar do *e*) será significativa no decorrer de um questionamento da tradição fonocêntrica ... o *a* de *différance* propõe-se como uma “marca muda”, se escreve ou se lê mas não se ouve ... A diferença gráfica, marcada na diferença entre o *e* e o *a*, escapa à ordem do sensível, fixando apenas uma relação invisível entre termos, traço de uma relação inaparente ... Do ponto de vista econômico, a *différance* deveria compensar um desperdício de sentido da palavra *différance*, pois, sendo irreduzivelmente polissêmica, pode remeter simultaneamente para toda a configuração de suas significações. Tem como etimologia o verbo latino *differre*, que encerra duas significações distintas. Diferir significa “recorrer consciente ou inconscientemente à mediação temporal e temporalizadora de um desvio” ... O outro sentido de diferir é o de não ser idêntico, ser outro, discernível. *Différance* remete ao mesmo tempo para o diferir como *temporalização* e para diferir como *espaçamento* ... A *différance* seria, pois, o movimento do jogo que produz as diferenças, os efeitos de diferença. A *différance* não é mais simplesmente um conceito, mas a possibilidade de conceitualidade, do processo e do sistema conceitual em geral. (p.22-4)

Essa explicação nos remete, então, à complexidade que a *différance* tem no interior da dimensão desconstrutivista e conseqüentemente suas implicações para a tradução; e como esta complexidade está encenada pelas diferentes possibilidades de tradução por meio de uma espécie de “polêmica” que se estabeleceu entre tradutores, revisores e editores.

Desde a primeira tradução de Derrida para o português, *A escritura e a diferença* de 1971, até uma das mais recentes, como *Salvo o nome* de 1995, diversas notas dos tradutores, revisores e editores fazem referências umas às outras. Como veremos, essa inédita discussão sobre a questão da tradução no interior da dimensão desconstrutivista vai revelar a importância de se pensar a questão da contaminação entre as línguas e o questionamento das suas fronteiras.

Os tradutores de *Margens da Filosofia* (s. d., edição portuguesa) dão início a essa “polêmica”. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães (os mesmos da edição brasileira de 1991) fazem uma nota a partir do título do texto *A diferença* [La *différance*] e comentam:

O neografismo *différance* desencadeia em português um naturalmente complexo problema de tradução. O jogo *semelhança fônica/alteridade gráfica* instaurado pela troca do *e* "legítimo" (*différence*) pelo *a* transgressor não é para nós, como o é em francês, (*in-*)*audível* e, por isso, igualmente impossível que (o que para Derrida, pensando em francês, é decisivo) apenas escrito o possamos apreender. Outras traduções que conhecemos tentaram já agraçar em português a "silenciosa" mas fundamental extensão filosófica da "palavra" *différance* [*Posições, A escritura e a diferença e Gramatologia*]: em Portugal optou-se por *diferância*, no Brasil por *diferência*. A leitura da importante conferência que agora se transcreve torna, porém, notório que, apesar das vantagens que qualquer dessas versões implica, uma e outra, neste contexto, bloqueariam por inteiro o trabalho de pensamento desenvolvido sobre a permutação entre *o e* e *o a*. Contudo, ao escrevermos *diferança* talvez não nos limitemos a ceder cegamente às exigências de um texto que a nossa língua não poderia "controlar". É que não apenas parece manter-se um mínimo de identidade fônica necessário entre *diferança* e *diferença* (maior do que entre esta e *diferância* ou mesmo *diferência*), como também, e sobretudo, no "artificialismo" dessa transcrição portuguesa se preserva talvez (dentro de compreensíveis limites) o impacto (refractado ou, se quisermos *diferido*) desse outro "artificialismo" que justamente Derrida assume em francês num contexto de pensamento em que (não por acaso) se encontra em causa, entre outras distinções, aquela que opõe a *physis* à *mimesis*, a "natureza" ao "artifício". (p.27-8)

Mais à frente, para explicar a diferenciação entre *mouvance* e *résonance* e as implicações com a *différance*, afirmam:

A impossibilidade de tradução desencadeada mais atrás pela associação entre "différance" e o participio presente do verbo "différer" culmina aqui: as palavras "mouvance" e "résonance" têm em comum com "différance" a sua terminação (fônica e gráfica). Para, em cada caso, mantermos essa comunidade, deveríamos, no primeiro, traduzir "différance" por *diferência* e, no segundo, por *diferância*. (p.36)

Essa explicação é importante já que, de certo modo, podemos supor que esta seja a hipótese subjacente à tradução de Maria Beatriz Nizza da Silva, em *A escritura e a diferença* (1971), que simplesmente afirma: *Sobre différence e différence, que traduzimos por diferença, ver o artigo de Jacques Derrida La différence, em Théorie d'ensemble, ed. du Seuil, 1968. (p.72).*

Na *Gramatologia* (1973) os tradutores, Mirian Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro, adotaram a mesma tradução de *A escritura e a diferença*, e afirmam:

O autor cria o termo *différance*, contrastando-o com *différence* ("diferença") e justificando o neologismo no texto já citado, publicado em *Théorie d'ensemble*. Mantivemos a tradução *diferência*, já utilizada em *A escritura e a diferença* ... (p.29)

Os tradutores, logo no início do livro, numa nota explicativa sobre a tradução de *nécessité* e *besoin* por *necessidade* e *Necessidade*, comentam:

Autorizamos-nos a esta distinção [*necessidade* e *Necessidade*], puramente gráfica e sem expressão fonética, a justificativa que dá o Autor para a palavra *différance* (port. *diferência*), inventada por ele mesmo para distinguir-se de *différence* (port. *diferença*). (cf. *Advertência*)

Nesse comentário podemos verificar que, de certo modo, os tradutores estão afetados pelo jogo da *différance*, como propõe Derrida.

A tradutora de *Posições* (1975), Maria Margarida C. Calvente Barahone, faz a seguinte nota: em francês, "*différance*" (*diferância*) tem pronúncia semelhante a "*différence*" (*diferença*) (p.23). A criação de uma outra alternativa está simplesmente justificada a partir da fonética. Esta explicação, que parte da substituição do e pelo a, é, como vimos, somente uma das características desse neografismo.

No texto *Semiologia e Gramatologia* (1971), o tradutor Luiz Costa Lima comenta o seguinte na sua nota:

Para marcar o conceito que intenta produzir, o autor fala em *différance*, distinguindo-o da forma lexicalizada corrente *différence*. **Na impossibilidade de estabelecer-se, em português, a distinção, sempre grifaremos a palavra quando tratar de *différance*** ... (cf. p.14, destaque meu)

Mesmo afirmando a impossibilidade da tradução, curiosamente, o tradutor não mantém *différance*, no texto, mas a palavra *diferença* em itálico. Aposto na impossibilidade da tradução, mas sofre o *double bind*: a necessidade e a impossibilidade da tradução, encenando, assim, o paradoxo entre o intraduzível e a tradução.

No livro *A farmácia de Platão* (1991), o tradutor Rogério Da Costa reedita e reafirma na sua nota (cf. p.74) a tradução proposta em *A escritura e a diferença*, e também adotada em *Gramatologia: diferença*. Por outro lado, em relação à tradução de *différente* faz a seguinte comentário: *Différente, no original. Termo relativo à différence, que traduzimos*

por diferante (p.75). A partir dessa explicação, pode-se dizer que a escolha mais “coerente”, para a tradução da *différance*, seria neste caso *diferança* e não *diferência*.

Anamaria Skinner, no livro *Espectros de Marx* (1994), faz um breve resumo das traduções já existentes e comenta:

Différance foi traduzida como “diferência” ... em *A escritura e a diferença*, e mantida ... na *Gramatologia* ... como “diferância”, em Portugal [*Posições*]; como “diferança” ... em *Margens da Filosofia* ... e ainda grafada em francês, em nossa obra coletiva, *Glossário de Derrida* ... Todas essas foram tentativas de – respeitando o princípio de “uma discreta intervenção gráfica (a troca do e pelo a)”, indicada por J. Derrida na conferência “La Différance” (1968) – reproduzir em português este “neografismo” que, em francês, se lê ou se escreve, mas não se ouve. Aqui, optamos pela grafia *diferança*, pois, ao que parece, assim se preserva uma maior identidade gráfica e fônica entre *diferença* e *diferança*, trocando-se, simplesmente, como em francês, o e pelo a. (p.50)

Essa opção está sustentada na questão gráfica, que, como vimos, não é unânime entre os tradutores, já que a identidade fônica – pela simples troca do e pelo a – não se dá no sistema do português da mesma maneira que em francês.

O único livro editado em português em duas versões, com tradutores diferentes, é o *La voix et le phénomène*. Na edição brasileira, de 1994, a tradutora Lucy Magalhães traduz *différance* por *diferência* sem nenhuma nota explicativa. Na edição portuguesa, de 1996, os tradutores Maria José Semião e Carlos Aboim de Brito optam também pela *diferência*, mas colocam aspas e em seguida a *différance* aparece entre parênteses. Na sua primeira ocorrência o editor faz a seguinte nota:

Conceito de amplo significado introduzido por J. Derrida, neste contexto, a *différance* (e não *différence*), que se traduz por diferença, “precede” – se assim se pode dizer – a presença e a presença de si do sujeito consciente que só constitui diferindo-se. (p.83)

Após essa explicação, nas ocorrências seguintes são retiradas as aspas mas, em alguns casos, *différance* está entre parênteses; e em outras, até o final do livro, temos somente *diferência* em itálico. Na edição brasileira *diferência* não tem nenhuma modificação gráfica, o que sugere que esta palavra “pertence” ao sistema lingüístico do português. O contrário do que ocorre na edição portuguesa que, de certo modo,

sugere uma certa preocupação com a tradução, já que ao longo do livro sua grafia não está padronizada. É importante observar que os tradutores não optaram por nenhuma das duas traduções já existentes em Portugal: *diferância* e *diferença*, mas pela primeira tradução brasileira, como o fez também Lucy Magalhães.

Nícia Adan Bonatti, a tradutora de *Salvo o nome* (1995), faz numa nota o seguinte comentário:

A palavra *différance* foi deixada em francês por constituir-se em um neografismo proposto por Derrida, que pretende, assim, questionar a tradução fonocêntrica, dominante desde Platão até os estudos lingüísticos de Saussure ... Existe uma outra tradução [*A escritura e a diferença e Gramatologia*] que adota a grafia "diferência" ... Não concordamos com essa tradução, pois há uma alteração sonora bastante perceptível na palavra, o que contradiz o questionamento proposto por Derrida; poderíamos, entretanto, pensar em um outro neografismo, "diferensa", **que tem o mesmo som da grafia normal**. (p.40, destaque meu)

Entretanto, essa sua alternativa não é efetivada no texto, a tradutora manteve a grafia *différance*. É importante ressaltar que a tradutora ao discordar da alternativa *diferência*, a partir somente da sonoridade e propor outra, fazendo uma espécie de analogia entre a sonoridade do sistema lingüístico do português com o do francês, pode estar deixando de lado a importância que estas outras alternativas representam no "jogo da desconstrução" proposto por Derrida. Ou seja, estas outras alternativas, incluindo a sugestão de Bonatti, encenam justamente a complexidade de se traduzir esse neografismo, para o português, a partir somente das regras sonoras pertencentes ao sistema lingüístico do francês.

A tradutora de *O outro cabo* (1995), Fernanda Bernardo, logo na introdução do livro, ao fazer referência à *différance*, afirma numa nota que:

Para dar conta do tom e do timbre do a mudo da *différance*, isto é, para marcar o *rastro* como apagamento, retraimento ou rasura, grafamos em português *difer-ença*, sublinhando o traço de união justamente o rastro como apagamento, como o diferir/divergir da *difer-ença*, porque, como escreve Derrida, "entre trait unaire et effaçabilité il n'y a pas oppositions". O traço liga *antes* do ser. À semelhança do a mudo, este signo gráfico diz-se à vista, é legível, mas desaparece na audição, doando-se assim como uma tonalidade inencontrável, que diz a distância que não apro-

xima, que não apropria, mas tece toda a proximidade (im)possível e toda a ex-apropriação. (p.5)

Essa ex-apropriação é uma “maneira de experimentar a estranheza ou a impropriedade ou a alteridade no interior de nossa língua” (Derrida, 1995, p.121). Podemos dizer que a tradutora produz essa estranheza na sua própria língua, e num jogo (im)possível diferença estabelece outras regras a partir da dimensão desconstrutivista.

No texto *Circonfissão* (1996) Anamaria Skinner traduz o trecho do período 19 (cf. p.76) da seguinte maneira: “... *pele que precede e cerca em preferência, referência, transferência, diferença**, assim transportei-me ...”. Esse asterisco remete a uma nota dos revisores da tradução (Marcio Gonçalves e Caio Mário Ribeiro de Meira) que diz simplesmente: “*Différance no original.*” (p.78). Essa tradução, que foi sugestão da tradutora de *Salvo o nome*, passa, agora, a fazer parte do jogo de tradução da *différance*.

Para justificar a ocorrência da *différance* grafada sem nenhuma modificação, Carlos Leone, na tradução *De um tom apocalíptico adotado há pouco em Filosofia* (1997, p.71), comenta: *Termo nuclear do jargão filosófico derridiano. Cf. La Différance, in Marges de la Philosophie, Paris, Minuit, 1972 (trad. port. Ed. Rés, Porto)*. Essa nota evidencia a importância de se manter *différance* sem qualquer alteração gráfica. Podemos supor que, após um longo exercício de tradução, a *différance*, que “não pertence” a nenhuma língua, agora faz parte do sistema linguístico do português.

Para concluir, retomo a epígrafe deste trabalho. Vejamos: “*Mais ‘velha’ que o próprio ser, uma tal diferença [différance] não tem nenhum nome na nossa língua*” (p.61). O fato de não haver “nenhum nome na nossa língua [francês]”, reflete, de modo específico a disseminação deste “jogo da *différance*” na tradução para o português.⁴

Mas, continua Derrida, sabemos já que se ele é inominável, não é por provisão, porque a nossa língua não encontrou ainda ou não rece-

4 Uma outra possibilidade de tradução foi sugerida por André Rangel Rios: *Diferença*. Segundo ele: “Se *différance* troca um e por um a sem mudar a sonoridade da palavra, diferença acrescenta um a formando latino que, dependendo da pronúncia que se aceite poderá não estar também afetando a sonoridade” (cf. *Em torno de Jacques Derrida*, orgs.: Evando Nascimento e Paula Glenadel, edição: 7 LETRAS e CNPq, Rio de Janeiro, 2000, p.77). Gostaria também de ressaltar que durante a apresentação deste trabalho no Encontro da USP, outras três alternativas para *différance* me foram sugeridas: *diferença* (a partir do verbo *differe*); *diferêça* e *dipherença*. Essas sugestões, como a tradução de Rangel Rios, confirmam ainda mais a disseminação deste “jogo da *différance*”.

beu este nome, ou porque seria necessário procurá-lo numa outra língua, fora do sistema finito de nossa (p.61-2). O que temos em português é a encenação desta constante busca de uma tradução, num outro sistema lingüístico, numa outra língua, revelando um acontecimento peculiar, uma espécie de dupla tradução. Segundo Gasché:

Não somente toda tradução para uma língua estrangeira repousa sobre a própria possibilidade dessa dupla tradução, já operando em toda língua, mas a própria dissimetria dessa dupla tradução “enraiza” toda tradução, seja ela qual for no assêmico, naquilo que não pode funcionar legitimamente como uma “raiz”: quer dizer, nas condições não-linguageiras da linguagem. (cf. Derrida 1982, p.149)

Derrida (1972) conclui:

É porque não há nome para isso, nem mesmo o de essência ou de ser, nem mesmo o de “diferença” [*différance*], que não é um nome, que não é uma unidade nominal pura e se desloca sem cessar numa cadeia de substituições diferantes [différentes]. (p.61-2)

Como, então, traduzir para o português um neografismo que não pertence à língua francesa e *que não pode funcionar legitimamente como uma “raiz”* de nenhuma outra?

A fenda, o talho que se abre, a partir de um simples corte na escrita da *différ/nce*, para o implante da letra *a*, não cicatriza. A proliferação de sentido não se estanca, se esvai indefinidamente. Este “*a*, da diferença, portanto, não se ouve, permanece silencioso, secreto e discreto como um túmulo: *oikesis*” (Derrida, 1972, p.35). No corpo da língua é a sua fonte de sobrevivência. Desse modo, na tentativa de se estabelecer o mesmo jogo – o *a* no lugar do *e* – a *diferença*, *diferência*, *diferância* ... passam a ser reguladas pela dimensão desconstrutivista que permite a disseminação de múltiplas alternativas e gerando, assim, o que considero efeitos de tradução da *différance* no “jogo da desconstrução”. Essa disseminação é um acontecimento que encena, de modo magistral, ao mesmo tempo, o próprio jogo da *différance*, (con)fundindo desconstrução e tradução, e o *double bind*: traduzindo e não traduzindo *différance*.

OTTONI, P: Translation of *différance*: double translation and double bind. *Alfa* (São Paulo), v.44, n.esp., p.45-58, 2000.

- **ABSTRACT:** In view of the deconstructive proposal of Jacques Derrida, translation is seen as an event of language. I intend to discuss the implications between deconstruction and translation with regard to the role of the translator as the one who unveils the language that was already included in this event. Translators, therefore, become those who effectively interfere in the transformation and production of meaning through a kind of graft, or contamination of the languages involved. I analyze books and published texts in Portuguese by Derrida aiming at examining studying how the several translations of the neo-graphism *différance* encompass all the issues of the deconstructive dimension promoted by the double bind: the necessity and the impossibility of translation. This dimension allows the dissemination of several alternatives for translations, thus generating what I consider as the effects of the translation of *différance* in the "deconstruction game" revealing, in a specific manner, a kind of double translation. In short, dissemination is a major event that performs – at the same time – the game of *différance* itself as well as the role of (con)fusing deconstruction and translation, and the double bind: translating and non-translating the *différance*.
- **KEYWORDS:** Translation; deconstruction; double translation; *différance*; double bind.

Referências bibliográficas

- DERRIDA, J. La *différance*. In: _____. *Marges de la philosophie*. Paris: Minuit, 1972.
- _____. A diferença. In: _____. *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991. p.33-63.
- _____. *L'oreille de l'autre*. Montréal: VLB, 1982.
- _____. Des tours de Babel. In: GRAHAM, J. F. *Difference in translation*. Ithaca: Cornell University Press, 1985. p.209-48.
- _____. *Moscou aller-retour*. Paris: L'Aube, 1995.
- _____. Résistances. In: _____. *Résistances de la psychanalyse*. Paris: Galilée, 1996. p.11-53.
- GASCHÉ, R. *L'opérateur de la différence*. In: DERRIDA, J. *L'oreille de l'autre*. Montréal: VLB, 1982. p.147-51.
- SANTIAGO, S. *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

Anexo: Livros e artigos de Jacques Derrida publicados em português

1971

- *A escritura e a diferença* (1967). Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates). Nesta edição não constam os textos: "*Cogito et histoire de la folie*"; "*Violence et métaphysique – Essai sur la pensée d'Emmanuel Levinas*" e "*De l'économie restreinte à l'économie générale – Un hegelianisme sans reverve*". Na segunda edição de 1995, pela mesma editora, estes textos também não constam.
- *Semiologia e Gramatologia* (1968). Trad. Luiz Costa Lima. In: KRISTEVA, J. REY-DEBOVE, J. UMIKER, D. J. (Org.) *Ensaaios de Semiologia I*. Rio de Janeiro: Eldorado. p.7-22. Esta entrevista, concedida para Julia Kristeva, é uma das três que compõem o livro *Posições*.

1973

- *Gramatologia* (1967). Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva/Edusp (Coleção Estudos).

1975

- *Posições* (1972). Trad. Maria Margarida Correia Calvente Barahona. Lisboa: Plátano/Sarl.

1979

- O Poço e a Pirâmide (1972). Trad. Rui Magalhães. In: *Hegel e o Pensamento Moderno*. Porto: RÉS Editora. p.39-107.

S/D

- *Margens da Filosofia* (1972). Trad. Joaquim Torres da Costa e António M. Magalhães. Porto: RÉS Editora. Nesta edição não consta o texto "*Le puits et la pyramide*".

1990

- *Do espírito: Heidegger e a questão* (1987). Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus.

1991

- *Margens da Filosofia* (1972). Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães (os mesmos tradutores da edição portuguesa). Revisão técnica de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus.

- *Limited Inc.* (1990). Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus.
- *A farmácia de Platão* (1972). Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras.

1992

- Duas palavras por Joyce (1987). Trad. Regina Grisse de Agostino. In: NESTROKSKI, A. (Org.) *riverrum – Ensaio sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago. p.17-39.

1993

- Jacques Derrida (21.6.92). In: *Limiares do Contemporâneo* (Rogério da Costa, org.). São Paulo, Escuta, p.15-33. Entrevista concedida a Rogério da Costa e publicada parcialmente no Jornal Folha de S.Paulo, em 21 de junho de 1992.

1994

- *Spectros de Marx* (1993). Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- *A voz e o fenômeno* (1967). Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Fazer justiça a Freud – A história da loucura na era da psicanálise (1992). In: *Foucault – Leituras da história da loucura*. Trad. Maria Ignes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. p.53-107.

1995

- *Paixões* (1993). Trad. Lóris Z. Machado. Campinas: Papirus.
- *Khôra* (1993). Trad. Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus.
- *Salvo o nome* (1993). Trad. Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus.
- *O outro cabo* (1991). Trad. e introd. Fernanda Bernardo. Coimbra: Universidade de Coimbra/A Mar Arte.

1996

- História da mentira: prolegômenos (1996). Trad. Jean Briant. In: *Estudos avançados*, v.10, n.27. São Paulo: Edusp. p.7-39. Conferência feita por Jacques Derrida no auditório do Museu de Arte de São Paulo (MASP) em 4 de dezembro de 1995.
- *A voz e o fenômeno* (1967). Trad. Maria José Semião e Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70.
- Circonfissão (1991). Trad. Anamaria Skinner. In: BENNINGTON, G., DERRIDA, J. *Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p.11-218.

1997

- Fé e saber – As duas fontes da “religião” nos limites da simples razão (1996). Trad. Miguel Serras Pereira. In: DERRIDA et al. *A Religião*. Lisboa: Relógio D'Água Editores. p.9-93.
- *De um tom apocalíptico adoptado há pouco em Filosofia* (1993). Trad. e posfácio Carlos Leone. Lisboa: Veja-passagens.

1998

- *Enlouquecer o Subjétil* (1986). Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Ateliê Editorial Ltda., Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado. Esse livro contém pinturas, desenhos e recortes textuais de Lena Bergstein.
- Carta a um amigo Japonês (1987). Trad. Érica Lima. In: OTTONI, P. (Org.) *Tradução – a prática da diferença*. São Paulo: Ed. Unicamp/Fapesp. p.19-25.
- Teologia da Tradução (1990). Trad. Nícia Adan Bonatti. In: OTTONI, P. (Org.) *Tradução – a prática da diferença*. São Paulo: Ed. Unicamp/Fapesp. p.143-60.

1999

- Fora – As palavras angulosas de Nicolas Abraham e Maria Torok (1976). Trad. Fabio Landa. In: *Ensaio sobre a criação teórica em Psicanálise*. São Paulo: Editora UNESP/Fapesp, p.167-319.
- Mochlos ou o Conflito das Faculdades (1984). In: *O Olho da Universidade*. São Paulo: Estação Liberdade. p.83-122.
- *O que é uma tradução “relevante”* (1998). Trad. Olívia Niemeyer Santos (Conferência proferida no Encontro de Tradutores em Arles – França – em 15 de novembro de 1998). Publicado neste número especial da revista *Alfa*.
- Eu – a psicanálise – Introdução à tradução de *A casca e o núcleo* de Nicolas Abraham (1976). Trad. Maria José Coracini. Publicado neste número especial da revista *Alfa*.

2000

- Fé e Saber – As duas fontes da “religião” nos limites da simples razão (1966). Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. In: *A Religião* (org. Jacques Derrida, Gianni Vattimo). São Paulo: Estação Liberdade. p.11-89.